

## TRIBUNA DA CIDADE

ANTÔNIO FLÁVIO TESTA

### Marco maior na nossa história

Pela primeira vez na história da cidade, chega ao poder um grupo com formação cultural contestatória, em tempos político-existenciais, e curte! Uma questão, contudo, ocorre-me: conseguirá o PT governar com a alegria e a democrática energia que o anseio popular espera? Aparentemente, este parece ser um questionamento inócuo, mas não é, pois vivemos um novo tempo de contradições e expectativas positivas. Enfim, o ranço rorizista começa a tomar o rumo do ralo do esgoto da história.

O brasiliense quer alegria, quer poder curtir a vida e cantar. Será isso possível para essa gente esotérica e cameleônica, do ponto de vista da esperança realizável? Esperança que se concretiza na mesa de um bar, no sonho do não aluguel, na expectativa da justiça social? O signo da estrela solitária, que nos envolve atualmente, leva-nos a uma reflexão interessante: será o PT o partido da transformação da consciência político-existencial construtiva em ações concretas? Esse sonho foi acalentado durante anos por toda uma geração.

Convém que todos se lembrem que a capital do País ainda continua sendo uma cidade sem futuro, mesmo com a atual proposta petista, que, inclusive, cabe muito bem à realidade atual. Brasília vem se transformando numa cidade na qual o sonho despertou para o pesadelo da realidade. E isto ocorreu porque a vida em Brasília multidimensionou-se, ou seja, transmutou-se em várias realidades e, dentre essas, há, hoje, o predomínio do medo, da insegurança e — o que é pior — da crescente desesperança, enquanto o desejo é cantar e dançar a vida.

Os donos do poder brasiliense se esquecem de lembrar que o tempo passa inclusive para si próprios, e seus herdeiros não poderão, definitivamente, continuar a exercitar o poder com tanto egoísmo. A esquecida juventude brasiliense assumirá o controle da cidade independentemente de todo o esforço que está sendo feito para alijá-la do comando e da participação efetiva no destino de sua cidade. Essa tomada, porém, trará consigo uma conotação de revolta e mágoa, porque essa geração viu sua cidade ser aviltada pelos governantes

sem condições de interferir e obrigá-los a governar preparando o futuro para os jovens brasilienses — os verdadeiros herdeiros da cidade.



**Espero que o PT não sucumba às pressões dos representantes do grande capital que transformaram Brasília num canteiro de obras**

Que projetos os governos locais preparam para a nossa juventude? Onde vai morar o jovem candango quando tem sobre si a imperiosa necessidade de um lar próprio? Onde vai trabalhar o filho de Brasília, quando, desesperado, busca apoio para desenvolver suas idéias e propostas? Quando, finalmente, o Banco de Brasília vai deixar de bancar o grande capital e investir maciçamente no cidadão brasiliense, enquanto agente produtor de riqueza?

A Capital da Esperança é resultado de vários delírios cívico-místicos de seres alucinados em suas viagens individuais. Dentre todos os ideais que almejavam para Brasília, talvez o que menos conseguiu se aproximar da realidade foi aquele que previa uma igualdade candanga, que seria manifestada através da distribuição do espaço urbano de forma democrática. Espaço físico do qual os próprios candangos foram expulsos.

Tantas utopias, e nenhuma reificou-se verdadeiramente, senão pela sua negação, pois Brasília é, antes de tudo, a capital da exclusão social. É uma cidade sem projeto para seus filhos naturais, sem perspectivas concretas para o microbrasiliense, sem moradia para a classe média. Enfim, Brasília é, hoje, a capital dos sem, inclusive dos sem caráter — que se apoderaram da cidade como se esta fosse uma sesmaria doada por um dom qualquer.

Agora o PT chega ao poder. Isso significa o marco maior na trajetória história política e cultural brasiliense. Vingue o projeto político cuja prática nos ensine as manhas da partilha coletiva de direitos e deveres e no qual a hegemonia política não se polarize e nem penda para uma só direção, mas que se dilua numa utopia igualitarista pelo menos no que tange ao cumprimento da lei.

Espero, portanto, que os dirigentes do PT não sucumbam às pressões interna e externa dos representantes do grande capital, que transformaram Brasília num grande canteiro de obras inacessíveis economicamente e de péssima qualidade espacial. E que não continue caindo no engodo da arquitetura niemeyriana, pretensamente democrática, mas sendo, na realidade, apenas a concretização de uma urbanística monumental, característica de um império recém-desabado. Brasília ainda deverá ser construída.

■ Antônio Flávio Testa é sociólogo e professor da UnB